

(IN)VISIBILIDADES FEMININAS NOS LIVROS DIDÁTICOS DE ARTE

FEMALE (IN)VISIBILITIES IN ART TEACHING TEXTBOOKS

Andréa Alcântara Almeida Amorim

Universidade Federal de Goiás, Brasil
deyaamor2009@hotmail.com

Carla Luzia de Abreu

Universidade Federal de Goiás, Brasil
carlaluzia@gmail.com

Resumo

O presente artigo tem como principais objetivos abordar o levantamento teórico a respeito da importância dos livros didáticos para o ensino-aprendizagem e, apresentar o resultado preliminar de um levantamento de dados sobre os materiais didáticos utilizados pelo professorado da disciplina de Arte na cidade de Goiânia, realizada no primeiro semestre de 2018. O levantamento de dados foi realizado por meio de enquetes *online* com perguntas específicas para o professorado e o alunado de Arte, abordando os materiais didáticos (livros didáticos e materiais complementares) utilizados e a observação da presença e da ausência da figura da mulher nos conteúdos desses livros didáticos, tanto como parte das obras quanto como artistas produtoras das obras. Os resultados obtidos através das enquetes online foram cruzados com os livros didáticos sugeridos pelo PNLD de Arte para o ano de 2017, para se compreender as reais necessidades dessa disciplina e a forma como os materiais didáticos direcionam o ensino. Nesse levantamento, o direcionamento para a presença ou a ausência da figura da mulher nos livros didáticos tem relevância para que inquietações existentes dentro das salas de aula sobre o tema – a observação e o questionamento do alunado sobre as imagens presentes nos livros e a pouca representatividade de artistas mulheres –, possam vir a ser resgatadas e discutidas na minha pesquisa de mestrado. Os dados coletados afirmam uma necessidade de complementação dos materiais didáticos de forma que seus conteúdos atendam de maneira mais significativa a realidade brasileira no tocante à Arte, atendendo às especificidades das culturas diversas existentes.

Palavras-chave: livros didáticos de arte; construção de feminilidades; anos finais do ensino fundamental; PNLD.

Abstract

The present article has as main objectives to approach the theoretical survey about the importance of textbooks for teaching and learning and to present the preliminary result of a data collection about the didactic materials used by the professors of the discipline of Art in the city of Goiânia, carried out in the first semester of 2018. Data collection was carried out through online surveys with specific questions for teachers and art students, addressing the didactic materials (textbooks and complementary materials) used and observing the presence and absence of the figure in the contents of these textbooks, both as part of the works and as artists producing the works. The results obtained through the online surveys were cross-checked with the textbooks suggested by the PNLD of Art for the year 2017, in order to understand the real needs of this discipline and the way the teaching materials guide the teaching. In this survey, the focus on the presence or absence of the female figure in textbooks is relevant to the concerns that exist within the classroom about the subject - the student's observation and questioning about the images present in the books and the lack of representation of female artists - may be rescued and discussed in my master's research. The collected data affirm a necessity of complementation of didactic materials in such a way

that its contents attend in a more significant way the Brazilian reality in relation to Art, attending to the specificities of the diverse cultures existing.

Keywords: art textbooks; femininity building; final years of high school; PNLD.

Introdução

Minhas observações sobre as imagens utilizadas nos livros didáticos se iniciaram ainda na graduação em Artes Visuais, quando o meu olhar era atraído pela forma como os livros de História da Arte apresentavam as obras e quem as produziam. Ao iniciar minha trajetória como docente em Arte, minha curiosidade sobre os livros didáticos e suas imagens continuou a ser uma recorrência em minhas inquietações.

Pensar sobre o papel da arte, da e do artista e da docência em arte passou a fazer parte da minha rotina dentro das salas de aula. Outro ponto que instigou-me a pesquisar sobre as imagens dos livros didáticos foram indagações sobre a representação da figura feminina, e a existência e ausência de artistas mulheres, feitas por estudantes durante as aulas, nas escolas onde lecionei.

Essas inquietações formam hoje parte de minha pesquisa de mestrado que tem como principal objetivo problematizar as imagens das mulheres nas obras de arte, suas representações e a invisibilidade de mulheres artistas nos conteúdos programáticos dos livros didáticos dos anos finais do Ensino Médio, sugeridos pelo Plano Nacional do Livro Didático (PNLD) de Arte para o ano de 2017. Esta é a ponte pela qual a pesquisa se constitui, tendo como bússola a constatação que a presença das artistas mulheres é numericamente inferior e que as representações femininas nos livros são, em geral, elaboradas por homens artistas. Desse modo, também é foco da pesquisa a projeção do olhar masculino nas representações dos corpos femininos, cujos efeitos dessas produções reverberam na forma como o mundo constrói seus “modos de ver”.

O livro didático na Educação

Maria Luisa Santos Ribeiro (2003) afirma que o livro didático é um instrumento de grande valor educacional e está presente no contexto histórico do Brasil desde o período colonial, tal instrumento era privilégio de poucos, apenas os mais privilegiados tinham acesso e, com o passar dos anos, diversos acordos foram estabelecidos para uma edição em grande escala de livros didáticos, para atender a demanda escolar (WITZEL, 2002).

O livro didático tornou-se um instrumento indispensável nos processos de ensino, possibilitando a uniformização do currículo escolar a partir das décadas de 1970 e 1980, quando houve uma desvalorização do ensino e uma grande desqualificação dos profissionais da educação,



segundo Mortimer (1988). Na década de 1990 ocorreu uma série de modificações na educação brasileira, visando alterações tanto nos conteúdos quanto na metodologia de ensino. Nessa mesma década, criou-se o Programa Nacional do Livro didático (PNLD), que teve como principal objetivo assegurar a qualidade dos livros a serem adotados pelas escolas brasileiras, sobretudo, as escolas da rede pública. O PNLD compromete-se a avaliar pedagogicamente os livros para que o material a ser usado tenha os conteúdos mínimos necessários. A criação do PNLD fez com que os livros didáticos obtivessem maior atenção por parte do Ministério da Educação, despertando o interesse dos estudiosos em investigar a qualidade dos livros didáticos, uma vez que essa análise busca a compreensão do ensino (ALBUQUERQUE, 2002).

A prática pedagógica mostra que o livro didático se constitui em uma ferramenta facilitadora de possíveis mudanças sociais. Porém, atualmente há uma tendência no exercício da docência de reconhecer o livro didático não como um instrumento com informações prontas, que serão reproduzidas dentro das salas de aula. Busca-se (ou deveria buscar) conectar os conteúdos à realidade da comunidade onde o estudante está inserido. Lajolo (1996) discorre sobre a importância do livro didático para a sociedade, cujas diretrizes podem ser direcionadas, influenciando o que, quando e como se ensina. A implantação do PNLD visou provocar no professorado o desejo de transformar o contexto escolar, buscando retirar do livro didático o paradigma de mercadoria a ser comercializada.

Rosa Fátima de Souza (2008) discute a naturalização do livro no universo educacional e afirma que problematizar o livro didático é uma questão importante devido ao seu poder em traçar linhas limítrofes em relação ao processo ensino-aprendizagem. Segundo Silva (2009) em seu trabalho *Livros Didáticos para o Ensino de Arte: diálogos, práticas e (des)caminhos*, o livro didático é visto como um recurso didático, um artefato cultural, objeto de troca e orientação de práticas docentes. Exerce atração e ocupa espaço no cotidiano da escola e 'opera' como prática social estabelecida nas instituições escolares. Apple (1986) afirma que os livros didáticos significam construções particulares da realidade, modos peculiares de selecionar e organizar um vasto universo de conhecimento possível, portanto, organiza a forma como a educação acontece. O livro didático amplia as possibilidades de verdades a serem apresentadas dentro da educação, muitas delas criadas e colocadas em circulação, de acordo com os interesses políticos e do mercado editorial.

Essa naturalização também pode ser confirmada em relação às imagens presentes nos livros de Arte, onde o direcionamento do olhar reconstrói as estruturas socioculturais, selecionadas, organizadas e reproduzidas através dos materiais didáticos. Compreender melhor a relação dos livros didáticos como instrumentos de ensino-aprendizagem se tornou importante para a pesquisa no que diz respeito ao enfoque da naturalização do livro no universo educacional em relação aos limites culturais que os mesmos impõe para o ensino de Arte.

Existem diversos títulos de livros didáticos para o ensino de Arte publicados. O MEC é o responsável na seleção e a distribuição destes materiais nas escolas da rede pública. Dentro do ensino de Arte, o livro didático aparece como principal fonte para a construção de conhecimento sobre a arte. As obras de arte, as técnicas artísticas utilizadas e a história da arte são mostradas aos estudantes através dessas ferramentas, principalmente nos anos finais do Ensino Fundamental.

Ferraz e Siqueira (1987) afirmam que o uso do livro didático em Arte é um tema bastante controverso, pois nem sempre atende às necessidades do professorado, e nem sempre seus conteúdos estão atualizados com as questões contemporâneas, dificultando estabelecer pontes entre os contextos sociais, as demandas dos e das estudantes e os conteúdos programáticos.

Sobre a ausência de artistas mulheres e a presença de inúmeras representações de mulheres nos livros didáticos, Kaplan (1995) reflexiona sobre como os padrões de feminilidades presentes nesses materiais pode influenciar as identidades e os comportamentos das mulheres. Como explica Pereira (2016), a mulher é colocada à margem da produção, como uma mera complementação de ideias e, às vezes, como um caminho para que determinada ideia ou objetivo sejam alcançados dentro da obra. A mulher, sobretudo em determinados momentos históricos, é apresentada como um objeto que atende ao olhar do “outro”, sujeito masculino, ou seja, a figura da mulher é vista como “portadora de significados e não como produtora de significados, segundo Mulvey (1983).

Diante dessas contribuições teóricas, somadas as inquietações e vivências com os livros didáticos, este artigo apresenta alguns dados que foram levantados no primeiro semestre de 2018, referente aos usos, seleção e percepções sobre os materiais didáticos de Arte que foram disponibilizados para o professorado no ano de 2017. Apesar do livro didático ser uma ferramenta facilitadora, não atendem em sua totalidade às necessidades de seu público alvo, havendo uma grande produção de materiais complementares por parte do professorado para suprir algumas demandas.

O início da pesquisa e algumas percepções preliminares

Os dados que são mostrados a seguir formam parte de uma sondagem preliminar, realizada com professores, professoras e estudantes das escolas da rede pública e particular de Goiânia. Primeiramente, foi feito um levantamento sobre os livros didáticos indicados pelo Plano Nacional do Livro e Material Didático (PNLD) para o ano de 2017 e, posteriormente, foi realizada a coleta de dados sobre a opinião de estudantes sobre os livros didáticos e, também, questionamos professores e professoras de Arte sobre os materiais didáticos utilizados em suas práticas docentes, incluindo livros didáticos e materiais complementares.

A ferramenta metodológica usada foram enquetes *online*, com perguntas específicas para cada grupo. Buscou-se saber se o corpo docente utiliza apenas os livros didáticos ou se usa

outros recursos complementares em suas aulas. As pessoas que responderam as enquetes também foram questionadas sobre a representação da figura feminina nos livros didáticos de Arte. As respostas às enquetes foram utilizadas para definir os materiais didáticos (livros didáticos e materiais complementares) mais utilizados pelo professorado e, a partir dessa listagem, cruzar os resultados obtidos com os livros indicados e selecionados pelo PNLD para Arte no ano de 2017, possibilitando assim, uma escolha pautada na demanda presente nas escolas e nos interesses didáticos do MEC.

A partir desses dados, foram selecionados os livros indicados pelo PNLD, cujas premissas apontam a construção de conhecimentos comuns do currículo e recomendam destacar diferentes grupos sociais, como negros, indígenas, mulheres, crianças e adolescentes, homossexuais e pessoas com deficiências (EDITAL PNLD, p.40-41). Tais livros didáticos foram selecionados por atender a demanda das escolas da rede pública, que configura uma grande porcentagem dos anos finais do Ensino Fundamental e, abrange uma significativa diversidade no tocante aos formatos culturais que são exigidos como construção de conhecimentos comuns do currículo nacional em Arte.

Os dados coletados mostram que há uma grande necessidade em desenvolver materiais didáticos mais completos e que representem de forma mais significativa a realidade brasileira no quesito Arte e, também, um maior esforço para a visibilização da produção de mulheres artistas. Os resultados das primeiras enquetes foram os seguintes:



Figura 1: Gráfico das respostas obtidas sobre quais materiais mais utilizados em sala de aula.

Na enquete voltada para o professorado de Arte, uma das perguntas buscou saber quais materiais didáticos utilizam em suas práticas docentes. Obtivemos várias respostas de docentes de todo o país e, grande parte, 48%, afirmou utilizar apenas os livros didáticos como ferramenta para nortear suas aulas. O Grupo que respondeu à enquete foi composta prioritariamente por professores e professoras da rede pública estadual e municipal e, parte destes, são docentes que atuam em regime de contrato temporário.

Ao serem questionadas sobre usar apenas os livros didáticos em suas aulas, as pessoas que participaram da enquete responderam que um material que está disponibilizado para o alunado e, dessa forma, não há motivos para buscar materiais extras, uma vez que o livro contempla o conteúdo a ser desenvolvido durante o ano letivo. Também pontuaram a falta de apoio das escolas para as produções de materiais complementares, mesmo que estes sejam apenas para as aulas expositivas.

Professores e professoras que produzem seus materiais didáticos e não utilizam os livros didáticos representaram 30% das pessoas participantes da enquete. Neste conjunto, as respostas sobre o porquê desta prática convergiram em uma única direção: os livros didáticos não atendem às necessidades da comunidade onde atuam, o que dificulta o interesse pela disciplina por parte da maioria dos e das estudantes. A produção do próprio material, segundo esses sujeitos, tem a finalidade de buscar trazer os conteúdos mais relevantes para a realidade dos grupos sociais presentes nas escolas, favorecendo a participação de toda a comunidade nas ações propostas pela disciplina de Arte.

Apenas 22% das pessoas que participaram da pesquisa afirmaram usar os livros didáticos com outros materiais complementares em suas aulas de Arte. Estes professores e estas professoras disseram que sentem uma grande necessidade de produzir materiais paralelos, que complementem as informações contidas nos livros didáticos para ampliar as possibilidades de construção de conhecimento. Também acreditam que os materiais complementares podem trazer novas discussões sobre os temas trabalhados em sala de aula, o que amplia os olhares de todas as pessoas envolvidas nesse processo.

Em relação aos dados referentes à cidade de Goiânia, temos o seguinte gráfico:

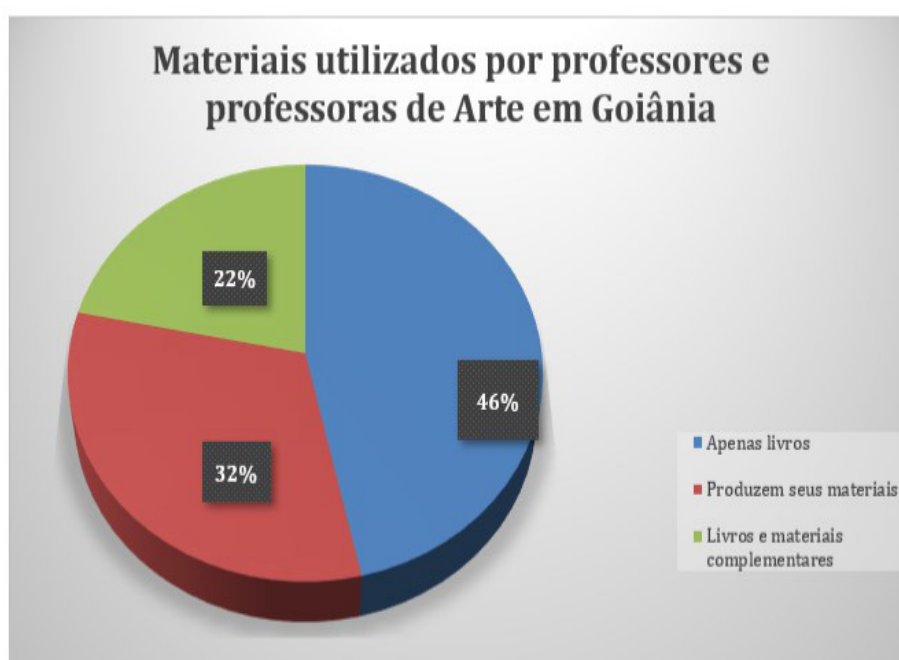


Figura 2: Gráfico das respostas obtidas sobre usos e práticas do professorado com o livro didático.



Nesse recorte, percebemos que o padrão se repete, sendo que a maioria dos professores e professoras desenvolvem suas práticas utilizando apenas o livro didático. Porém, uma parcela considerável produz seus materiais didáticos e não utilizam os livros didáticos. Finalmente, uma minoria busca equiparar os conteúdos, usando os livros didáticos adotados pela escola e produzindo materiais complementares para obter os objetivos esperados em suas aulas. Como a pesquisa de mestrado tem como foco o professorado da cidade de Goiânia, achamos válido considerar esta enquete inicial para posteriormente realizarmos uma comparação entre o que acontece no Brasil e o que representa a realidade de Goiânia.

Em um segundo momento de interlocuções com as pessoas participantes desta pesquisa de “reconhecimento de território”, solicitamos que nos informassem os títulos dos livros didáticos usados em 2017, e os que estão usando atualmente, no ano de 2018. Também foi solicitado que pontuassem pontos positivos e negativos desses livros. Nessa etapa, 60 professores e professoras responderam, docentes das redes pública e privada. Uma grande porcentagem (45%), utiliza os livros da coleção “Por toda Parte”, da editora FTD. Cerca de 27% utiliza a coleção “Projeto Mosaico” da editora Scipione. Outros 8% utiliza a coleção “Arribá – Arte” da editora Moderna e, 9% do professorado utiliza outros livros didáticos que estão disponibilizados no mercado atualmente.

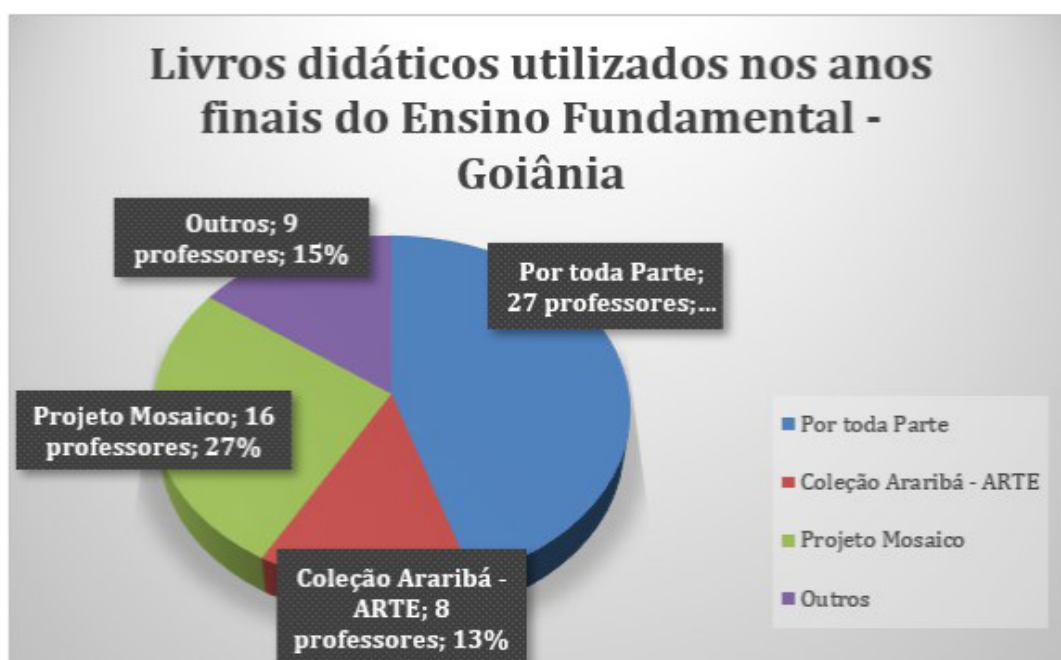


Figura 3: Gráfico das respostas sobre quais são os livros didáticos trabalhados em sala de aula.

Dos livros citados, dois foram escolhidos para análise, pois tiveram grande relevância nas escolas e foram aprovados pelo PNLD. São eles: Por toda Parte (editora FTD) e Projeto Mosaico Arte (editora Scipione), ambos contemplam os anos finais do Ensino Fundamental. Na cidade de Goiânia, esses dois títulos são utilizados tanto na rede pública como na particular, sendo que a maioria atua na rede pública de ensino.

Outra enquete foi destinada aos estudantes e teve como foco a presença da figura da mulher nos livros de Arte que utilizaram no decorrer de seus estudos. Neste momento da pesquisa, nossa intenção foi averiguar a percepções dos e das alunas sobre a representação feminina nas imagens que aparecem nos livros e, não sobre a ausência de mulheres como produtoras de arte. Apenas 15 estudantes participaram dessa enquete e, a maioria, 12 estudantes, respondeu que as mulheres aparecem como parte das obras de arte, complementando a ideia do artista. Apenas 3 estudantes mencionaram lembrar de mulheres artistas presentes nos livros didáticos que estudaram em alguma fase dos anos finais do Ensino Fundamental.

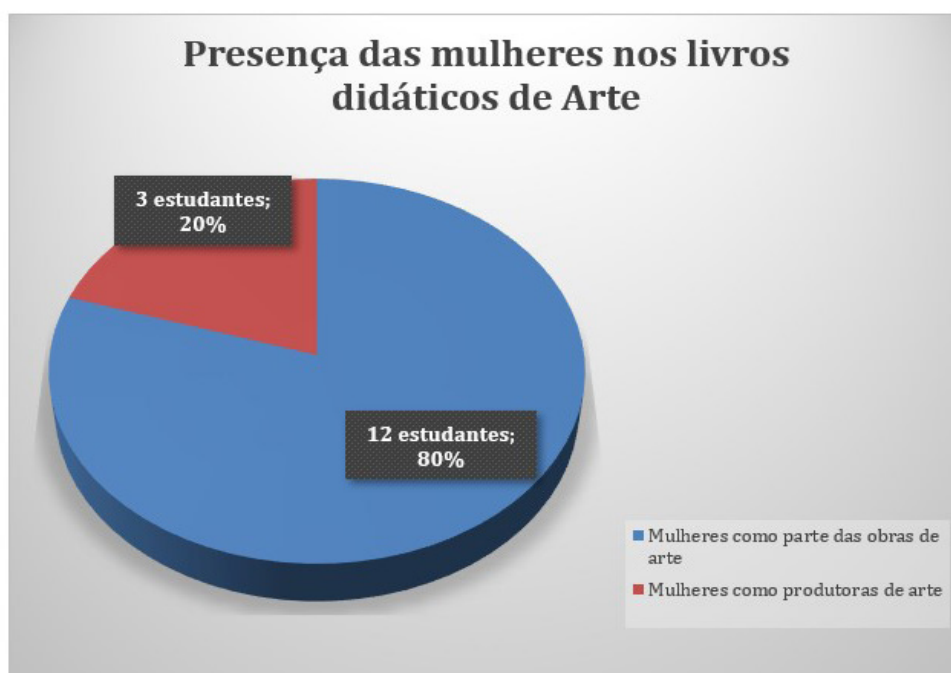


Figura 4: Gráfico das respostas obtidas sobre a pergunta: “Como a figura da mulher está presente nos livros didáticos de Arte.

Esse levantamento inicial sobre usos e percepções dos livros didáticos trouxe à tona parte da realidade vivida dentro das escolas brasileiras sobre o ensino de Arte, especialmente da cidade de Goiânia. Constatamos que a maioria do professorado de Arte utiliza o livro didático como uma ferramenta única e direcional nos processos de ensino; outra porcentagem produz seu próprio material didático para atingir públicos específicos e, uma parcela dos sujeitos que participaram deste levantamento, mescla o uso do livro didáticos com materiais complementares, para ampliar o conhecimento que será mediado com os e as discentes. Apesar dessas diferenças, todos professores e professoras disseram ter como objetivo atingir efetivamente os e as estudantes, ampliando as áreas de conhecimento e as vivências em Arte.

Os professores e professoras que participaram dessa levantamento de dados inicial apontaram a ausência de mulheres produtoras de arte dentro dos livros didáticos e também questionaram a pouca representatividade de artistas brasileiras. Desse modo, a análise das representações femininas presentes nos livros didáticos, seja como tema das obras ou como

produtora de arte, oferece à pesquisa outros questionamentos que têm como ponto de partida a escolha por parte do professorado dos materiais didáticos utilizados em suas práticas pedagógicas, cujos conteúdos transitam em diferentes contextos socioculturais e acabam influenciando, também, a forma como construímos os olhares sobre o universo da cultura visual.

As inquietações mencionadas no início deste artigo resultaram na minha pesquisa de mestrado, ainda em processo inicial, cuja problematização atravessa diretamente a questão da (in)visibilidade feminina nos livros didáticos de Arte direcionados ao Ensino Fundamental. Nesse sentido, os caminhos da investigação passará, irremediavelmente, pela trama complexa onde se desenvolvem as relações de poder, e o lugar onde são definidas as premissas para o que pode ou não ser mostrado.

Este levantamento preliminar de dados serviu para inteirar-nos sobre as formas como o professorado e o alunado percebem os livros didáticos e os conteúdos inseridos nele de acordo com as realidades vivenciadas por eles, e em suas comunidades. Os dados coletados inicialmente foram fundamentais para direcionar a pesquisa de mestrado estabelecer um recorte.

Buscar problematizar a eleição por determinados livros didáticos, o uso que o professorado faz desses materiais, bem como a influência que exercem na propagação de um olhar focado na subjetividade masculina permitirá uma reflexão ampliada sobre diversos aspectos da vida cotidiana, onde algumas normas de gênero ainda permeiam as escolhas e os discursos do mercado de arte e editorial, influenciando, também, a construção social do olhar de nosso alunado.

Referências

ALBUQUERQUE, E. B. C. **O discurso dos professores sobre a utilização do livro didático**: O que eles afirmam/negam em relação a este material? Recife, 2002.

APPLE, Michael. **Teachers & Texts**: A Political Economy of Class & Gender Relations in Education. New York: Routledge, 1986.

Edital PNLD 2017. **Brasília: Ministério da Educação**, 2017. Disponível em: <<http://www.fnde.gov.br/programas/programas-do-livro/consultas/editais-/programas-livro/item/6228-edital-pnld-2017>>. Acesso em: 05/08/2018.

FERRAZ, Maria Heloísa C. e SIQUEIRA, Idmeia. **Arte-educação** – Vivência, experiência ou livro didático? São Paulo: Edições Loyola, 1987.

KAPLAN, E. Ann. **A mulher e o Cinema**: os dois lados da câmera. Tradução de Helen Marcia Potter Pessoa. Rio de Janeiro: Rocco, 1995, p. 44-47.

LAJOLO, Marisa. LIVRO DIDÁTICO: um (quase) manual de usuário. **Em Aberto**. Brasília: INEP, 1996, v. 16, n. 69, pp. 3-7.



MORTIMER, E. F. A evolução dos livros didáticos de química destinados ao ensino secundário. **Em Aberto**, v. 7, n. 40, p. 25-41, 1988.

MULVEY, Laura. Prazer visual e cinema narrativo. In: XAVIER, Ismail (Org.). **A Experiência do cinema**. Rio de Janeiro: Edições Graal; Embrafilme, 1983.

PEREIRA, Ana Catarina. **A mulher cineasta**: Da arte pela arte a uma estética da diferenciação. Portugal: Editora LabCom, IFP, 2016.

RIBEIRO, M. L. **História da Educação Brasileira**: organização escolar. Campinas, SP: Autores Associados, 2003.

SILVA, Gisele Costa Ferreira da. **Livros didáticos para o ensino de arte**: diálogos, práticas e (des) caminhos. Dissertação (Mestrado em Arte e Cultura Visual) – Faculdade de Artes Visuais, Universidade Federal de Goiás. Goiânia, 2009.

SOUZA, R. F. Prefácio. In: FISCARELLI, Rosilene B. **Materiais Didáticos**: discursos e saberes. Araraquara, SP: Junqueira & Marin, 2008.

WITZEL, G. Z. **Identidade e Livro Didático**: Movimentos Identitários do Professor de Língua Portuguesa. Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual de Maringá, UME, Maringá, 2002.

Minicurrículos

Andréa Alcântara Almeida Amorim

Mestranda em Arte e Cultura Visual pelo Programa de Pós-graduação em Arte e Cultura Visual da Faculdade de Artes Visuais/ UFG; Licenciada e Bacharelada em Artes Visuais pela mesma instituição. Investiga principalmente as invisibilidades da mulher nos livros didáticos de Arte no Brasil.

Carla Luzia de Abreu

Doutora em “Artes Visuales y Educaci3n” pela Universidad de Barcelona (UB), Espanha, em regime de cotutela com a Universidade Federal de Goiás (UFG) com o Programa de Pós-Graduação em Arte e Cultura Visual (2014). Investiga principalmente os seguintes temas: educa3o da cultura visual, g4neros e visualidade, culturas digitais e pedagogias de resist4ncia.